

FILOMENA MACHADO TEIXEIRA: VIDA DEDICADA À EDUCAÇÃO CAXIENSE

Salânia Maria Barbosa Melo

Professora do Curso de História da UEMA-Caxias e da UESPI. Doutora em Educação pela UFC

Introdução

Falar em biografia, diz a princípio de tempos distantes em que a História dava conta de atender os modelos existentes, cujo principal objetivo era construir e criar heróis, dos feitos e das grandes atitudes, dando à Biografia a “capacidade de descrever o que é significativo de uma vida”, conforme Levi. (1996). Diz também dos caminhos a serem escolhidos, e das indagações que percorre o tempo da investigação para tomar rumo, quando os questionamentos norteadores são lembrados e nos acompanham como, por exemplo, a biografia tem realmente valor histórico? Por que a vida do outro nos interessa tanto, a ponto de querermos expô-la? O que devemos dizer e o que deve permanecer silenciado, sobre a vida do outro?

Essas inquietações se instalaram no campo da História quando os paradigmas existentes deram lugar a outras abordagens, saindo do modelo positivista e da análise marxista, tão somente focada no político e no econômico, este deslocamento do campo deu lugar às subjetividades, revendo as ferramentas de pesquisa, trazendo o sujeito para o centro da

discussão, momento em que a Biografia, ressurgiu ocupando novamente lugar na História.

A vida do indivíduo passou a ser exposta nos romances literários, com limites mais tarde vistos pelo historiador, porque criados e imaginados sem base documental, passando pela autobiografia até chegar à biografia com as características atuais. A biografia histórica começa então a adentrar as vidas recheadas de significado trazendo a possibilidade de se estudar a trajetória do homem simples, a trajetória individual de sujeitos comuns, que passavam pela história quase no escuro, trazida, a partir daí, como objeto deste campo, ganhando importância porque se tornam pesquisáveis, havendo assim uma mudança de foco, ou quebra de paradigmas, uma abordagem ancorada na História Cultural, que aponta o indivíduo como protagonista singular neste canteiro historiográfico, visto não somente como um número na multidão na luta de classes, mas alguém possuidor de bagagem cultural com significado determinado pelas circunstâncias históricas.

Nas oscilações do campo da Biografia, pode-se afirmar que na Antiguidade já se fazia distinção entre História e Biografia, como fez Tucídides, quando trouxe seus personagens da Guerra do Peloponeso e “[...] deu a palavra a seus atores a fim de que eles exprimissem análises sobre suas próprias ações”, conforme o olhar de Priore (2009), ou seja, cada um narrando sua própria história e, ainda seguindo a mesma autora, tanto os gregos quanto os romanos traçaram este caminho pela História da Literatura, “pois seu esforço de interpretação dos fatos não obstruiu jamais o desenvolvimento da

narrativa. O discurso não tinha função de prova explicativa. Era, sim, um procedimento retórico ligado a um acontecimento histórico mais amplo”.

A biografia, enquanto escrita de uma trajetória, migrou da História Política para a área do diletantismo, de profissionais das diferentes atuações, do jornalista ao folhetim popular, que fabricam histórias de vida, à caça de personalidades efêmeras. Retornou ao canteiro da História, por imposição do rigor científico, que trouxe ao historiador a necessidade de querer entender como a história de vida de um indivíduo pode funcionar como um microcosmo por onde vislumbra enxergar a sociedade do período estudado.

Desta maneira, situa-se o sujeito biografado como parcela de uma unidade a ser analisada, como explicita Priore (2009): “A explicação histórica cessava de se interessar pelas estruturas, para centrar suas análises sobre os indivíduos, suas paixões, constrangimentos e representações que pesavam sobre suas condutas”. O historiador deveria focar naquilo que os condicionava a fim de fazer reviver um mundo perdido e longínquo. Esta história “vista de baixo” dava as costas à história dos grandes homens, motores das decisões, analisadas de acordo com suas consequências e resultados, como a que se fazia no século XIX.

As respostas acima buscadas podem elencar uma variedade enorme de dificuldades a serem enfrentadas, desde aquela que, já não justifica tanto assim, mas ainda apontada como tal, que é a da falta de fontes, porque, com a utilização da História Oral, podemos construir fontes e seguindo a

compreensão de Levi (1996), sobre os caminhos da pesquisa com Biografia afirma [...] “as distorções mais gritantes se devem ao fato de que nós, como historiadores imaginamos que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado”, implicando desta maneira em reduzir a ciência histórica quando “contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas”, ou ainda das dúvidas que perseguem as escolhas, seria mesmo, biografia, histórias de vida ou ainda a escrita de si, quando adotamos analisar as singularidades únicas.

A história oral tomada aqui, como possibilidade de construção de fontes significativas, no sentido de suporte amparado pela experiência do vivido. A narrativa pessoal é uma interpretação de uma realidade a partir da visão do narrador, dando assim sustentação ao jogo de passado e presente, vislumbrar a história de vida a partir da narrativa ou das narrativas sobre ela, permite ao historiador compreender o cotidiano com suas tensões e confrontos e “restaurar as tramas da vida que estavam encobertas” (Matos, 2002), para entender as práticas sociais e culturais, no caso específico, as práticas educacionais.

Deste modo, recuperar as histórias de vida a partir das experiências, como objeto de análise do historiador, por isto mesmo objeto escolhido, selecionado, pressupõe aquela vida em que o personagem criou e valorou sua própria vida sem, no entanto, tê-la aqui como exemplo a ser seguido.

Neste sentido, contextualizar o Maranhão, ou mais precisamente as histórias caxienses no transcorrer de quase

todo o século XX, é passar os caminhos por onde passou a professora Filomena Machado Teixeira, “Tia Filozinha”, que nasceu em 1910 no Engenho D’Água, no município de Caxias-MA¹ e viveu até 1995, filha de um cassaco, que trabalhou na Estrada de Ferro que liga a sua cidade a Teresina, capital do Piauí; com uma boleira, que ajudou o marido a sustentar sua família, com os bolos que produzia e vendia nos serenos dos bailes ou nas ruas; expondo assim as contradições sociais e econômicas da terra de Gonçalves Dias², quando as mulheres, começam efetivamente, a sonhar com algo que pudesse provocar mudanças no cotidiano feminino, não eram mais somente donas de casa ou “pipiras das fábricas”, mas também aparecem desarranjando o cenário urbano com seus “quibanes” de bolos e doces, em uma dinâmica própria da História.

Nesta trajetória investigativa pontuo-a com questões que me auxiliam a seguir buscando respostas, como que delimitando o caminho a seguir, sigo com os guias, perguntando, como era Caxias no começo do século XX? Quais as principais atividades econômicas e culturais, neste momento histórico?

¹ Caxias é um município do estado do Maranhão. Com população de 155 202 habitantes segundo estimativa do IBGE, em 2010, é o quarto município mais populoso do estado. A cidade é banhada pelo Rio Itapecuru e por vários afluentes que a cercam com diversos banhos naturais. Caxias tem uma arquitetura herdada do século XIX e início do século XX no estilo português, ainda conservando boa parte de seu patrimônio histórico. (Fonte: Wikipédia/2012.)

² Antônio Gonçalves Dias nasceu em 1823 em Caxias-MA, filho de pai português e mãe brasileira. Ingressa na Universidade de Coimbra em 1840. Para graduar-se em Bacharel, em 1844, conta com a ajuda financeira de amigos. Publica em 1847 os Primeiros Cantos, aproximando-o e ganhando admiração do Imperador Dom Pedro II, a partir de então, o nomeia para diversos cargos públicos. Morreu em 1864, muito doente e vítima de naufrágio.

Quais as escolas que existiam neste início do século XX? Quais as práticas de sociabilidades?

A compreensão adotada é de valorizar a trajetória única e as interpretações que surgem a partir dos caminhos percorridos pela pessoa enquanto tal, ampliando tais possibilidades com múltiplas fontes desde relatos, cartas, cadernos, diários, fotografias, documentos pessoais, entendendo que a história de uma vida diz necessariamente das práticas adquiridas ao longo desta vida em especial.

Trazendo o indivíduo para a história, localizo os primeiros movimentos da educação, de Filomena Machado Teixeira iniciando seus estudos no Grupo Escolar “João Lisboa”³. Em 1925 concluiu o ensino primário no Instituto Gonçalves Dias, fundado pelo prefeito Francisco Raimundo Vilanova, momento histórico em que o Estado do Maranhão vivia ainda as permanências de um longo processo de escravidão negra, que segregava parcela significativa da população e, mesmo abolido o trabalho compulsório, deixou vestígios facilmente visíveis na história da educação.

Destacando que na década de 1920 o cenário educacional maranhense era ainda de poucas escolas, um pequeno

³ As “Pipiras das fábricas”, conforme Pereira (2010), eram mulheres filhas de pobres, consideradas sem instrução, sem educação e desclassificadas. Eram assim chamadas pelo barulho que faziam pelas ruas por passavam até chegar à fábrica e que neste contexto de mudanças muitas mulheres preferiam ser chamadas de “pipiras” do que “chofer de fogão”. A operária era visa como um pássaro fora de sua gaiola — a pipira. João Francisco Lisboa, jornalista maranhense que trabalhou em vários periódicos locais e criou o “Jornal de Timon”; considerado como legítimo representante do movimento maranhense do século XIX que se distinguiu “pela fidelidade aos padrões tradicionais do vernáculo e na defesa da tradição e do rigorismo gramatical, o que iria conferir à capital do Maranhão o honroso título de Atenas Brasileira.

número de professores em relação à população escolar, guardando desta maneira pregnâncias dos séculos anteriores em que a educação não era para todos e sim privilégio de poucos, conforme Silva (2011).

Voltando o foco para “Tia Filozinha” em 1926 segue a São Luís, para estudar, embora nos planos do governo do Estado, Magalhães de Almeida, constasse a “execução de um vasto plano rodoviário” (Meireles, 2001), chegar até a capital ainda era doloroso e Filomena só consegue chegar a seu destino de carona no trem do 22º BC da Paraíba que estava sediado em Caxias para a construção da estrada de ferro.

As passagens no Maranhão do século XIX para o XX são marcadas por contrastes claros, até mesmo na “Atenas Brasileira” vivia-se os dilemas de ser moderno e civilizado, com hábitos retrógrados no dizer de Silva (2008) e, em 1921 havia ainda uma quantidade acentuada de casas de palhas em São Luís. No interior do Estado a situação de moradia era ainda mais delicada e, nos planos de governo, Magalhães de Almeida preocupava-se em reeditar, às custas do Estado, “obras clássicas da literatura e histórias provinciais; ainda chegaram a ser publicadas a Odisséia, tradução de Odorico Mendes e a tradução de Yves d’Evreux feita por César Marques”. (Meireles, 2001), buscando alimentar na alma maranhense um passado glorioso.

Desde a década de 1980, quando os europeus e norte-americanos começam a repetir que era o fim da modernidade, a Biografia renasce como gênero historiográfico abrindo possibilidades de compreensão das trajetórias individuais,

pois durante muito tempo os historiadores voltaram seus olhares para o que consideravam como interesses coletivos. Neste sentido, Clara Rocha (1992, p. 19) afirma: “A escrita do eu pode [...] ser encarada como uma forma de salvação individual num mundo que começa a descrever de sucessivos modelos ideológicos de salvação coletiva”.

Este gênero insere a personagem em seu contexto político e sócio-cultural, possibilitando uma análise com os novos aportes teóricos e metodológicos e, ainda, da pluralidade de fontes que a História trouxe para si como, por exemplo, da História Oral.

Buscando talvez remexer, nestes armazéns de antigos guardados, as trajetórias individuais que requerem visibilidade que só o cuidado particular de sua experiência foi capaz de pinçar; ou ainda Carlo Ginzburg (1987), que pesquisou a cultura popular na voz silenciada do moleiro Menocchio, identificado como da seita dos Friuli, que a Igreja havia afastado para muito distante dos olhos dos pesquisadores, como afirma o historiador italiano:

A redescoberta da biografia remete principalmente a experiências no campo da história atenta ao ‘cotidiano’, a ‘subjatividades outras’: por exemplo, a história oral, os estudos sobre cultura popular e a história das mulheres. O desejo de estender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico.

Quando Le Goff (1999), em sua obra “São Luís”, firma o percurso ímpar deste trabalho magistral, indaga positiva-

mente, “Ora, que objeto, mais e melhor que uma personagem, cristaliza em torno de si o conjunto de seu meio e o conjunto dos domínios que o historiador traça no campo do saber histórico?” me auxilia compreender que para objetivar esta pesquisa é preciso cristalizar os personagens que serão biografados para conseguir visualizar as várias histórias maranhenses e transcorrer vidas dedicadas à educação.

Referências

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea; tradução, Paloma Vidal. — Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARROS, José D’Assunção. O campo da história: especificidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. (coord.) Usos & abusos da história oral. — Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez. A institucionalização da Escola Normal no Maranhão: investimento que não obteve o resultado esperado! In: FARIA, Regina Helena Martins de., COELHO, Elizabeth Maria Beserra. São Luís: EDUFMA, 2011.

FERREIRA, Ana Maria Guedes. A biografia como compromisso entre a história e a literatura. Actas do Colóquio Internacional Literatura e História, Porto, 2004, vol. 1, pp. 259-264.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição; tradução: Maria Betânia Amoroso, — São Paulo: Cia das Letras, 1987.

LE GOFF, Jacques. São Luís. Tradução de Marcos de Castro. — Rio de Janeiro: Record, 1999.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. (coord.) Usos & abusos da história oral. — Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LÔBO, Libânio da Costa. Vulto singular, em meio a rico mosaico. Rio de Janeiro: 2003.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho. Bauru, SP. EDUSC, 2002.

MEIRELES, Mário M. História do Maranhão. São Paulo: Editora Siciliano, 2001.

MOTTA, Diomar das Graças. A história da educação na historiografia maranhense. In: FARIA, Regina Helena Martins de., COELHO, Elizabeth Maria Beserra. São Luís: EDUFMA, 2011.

NERES, Raimundo Luna. Escola Normal no Maranhão no período de 1838-1888. In: FARIA, Regina Helena Martins de., COELHO, Elizabeth Maria Beserra. São Luís: EDUFMA, 2011.

NUNES, Clarice. História da educação brasileira: novas abordagens de velhos objetos. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. O que produz e o que reproduz em educação. Porto Alegre: Ática, 1992.

NUNES, Clarice e CARVALHO, Marta. Historiografia da Educação e fontes. Cadernos ANPEd, nº 5, set. 1993.

PEREIRA, Ana Paula Alves. As pipiras da fábrica: a operária sob o olhar da sociedade caxiense na década de 1950. In.: Per-correndo becos e travessas: feitos e olhares das histórias de Caxias.(org.) PESSOA, Jordânia Maria e MELO, Salânia Maria Barbosa. Teresina: EDUFPI, 2010.

PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. Topoi, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009. p. 7-16.

ROCHA, Clara. A explosão intimista na época contemporânea. In: ROCHA, Clara. Máscaras de Narciso. Coimbra: Almedina, 1992.

SILVA, Ana Ládida da Conceição. Falas da decadência, moralidade e ordem: a “História do Maranhão” de Mário Martins Meireles. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo — USP. 2008.

SILVA, Robson Santos Câmara. Apontamentos sobre as condições de emergência do Associativismo docente no Maranhão. III Seminário da Rede de Pesq. sobre Associativismo e Sind. Dos Trab. Em Educação. 2011.

A BIOGRAFIA COMO LINHA DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: PROCESSO METODOLÓGICO

Karla Colares Vasconcelos

Instituto UFC Virtual
E-mail: karlinha@virtual.ufc.br

Milton Colares Cornélio

Universidade Estadual do Ceará — UECE
E-mail: miltoncolares5@hotmail.com

A História da Educação

Quando falamos em História nos reportamos a uma grande variedade de estudos e comportamentos culturais de uma sociedade, além de nos trazer a tona à memória coletiva de uma civilização (sociedade).

Se formos compreender o que é História da Educação, nos deparamos com o conceito de história e nos leva a pensar em seus domínios. Assim, entendemos que o domínio histórico nada mais, é que o objeto o foco central, o qual nos faz conversar e analisar as fontes das pesquisas históricas, levando-nos com fidelidade ao passado e ao mesmo tempo deixando conectado ao tempo atual, o presente.

Trilhando esse caminho, Martinho Rodrigues (2011) debate sobre os objetivos históricos e os seus diversos campos de estudos, o que refletimos se a História está inserida nos estudos, ou se os estudos é que faz parte da História. E nos indaga as seguintes questões: O que podemos chamar de His-